

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Londrina

Class.: Xetá

Data: 06/05/94

Pg.: \_\_\_\_\_

### Revolta marcada com uma cruz

Paulo Ubiratan  
A cruz já era conhecida dos xetás, quando pela primeira vez neste século apareceram para os brancos. A afirmação é do austríaco naturalizado brasileiro Frans Licha, 77 anos, que no final da década de 40 era corretor de terras na região da Serra dos Dourados onde atualmente fica a cidade de Douradina (noroeste do Paraná). Na época ele percorreu toda aquela região habitada pela tribo: "Os xetás, possivelmente revoltados com nossa presença, invadiram um barracão que tínhamos como acampamento, estragaram toda a comida e deixaram uma cruz fincada no terreno," conta o corretor que atualmente reside em Londrina. No entanto, ele diz que a primeira vez que viu os xetás foi meses antes, nas proximidades de um ribeirão, quando um grupo de índiozinhos pelados catavam caramujos nas águas. Licha estava junto com um amigo e ficaram escondidos em uma moita de capim alto para não serem vistos.

Apesar de ser um conhecedor do assunto, ele não tem

uma explicação definitiva de como os xetás conheciam a cruz, já que historicamente era a primeira vez que tinham contato com os brancos. Licha, levanta a hipótese deles serem remanescentes das missões de Loreto (nas margens dos rios Pirapó e Paranapanema) e Vila Rica (nas junções dos rios Kurumbataí e Ivaí), ambas funda-

das pelos padres jesuítas. Ele supõe que tudo começou por volta do século 17, quando espanhóis e portugueses invadiam os sertões em busca de índios para escravizar. Em uma destas expedições destruíram estas duas missões e aprisionaram parte dos índios aldeados. Os que conseguiram fugir procuraram a região da Serra dos Dourados onde acabaram exterminados neste século.

"O que restava dos xetás foi exterminado por pressão do Governo do Estado sobre o Serviço de Proteção aos Índios

(SPI), atualmente mudado para a Fundação Nacional do Índio - Funai -, que em 1951 os tirou da mata para levar à reserva de Guarapuava" afirma Licha. Eles eram cerca de 200 índios e teriam morrido de gripe e pneumonia, que adquiriram em cima da carroceria do caminhão que os levou para a reserva. Ele denuncia que os

xetás viajaram em uma noite fria de geada, depois de desfilar pelas ruas de Cruzeiro do Oeste vestindo camisas da empresa Cobrinco, uma colonizadora do grupo Bradesco.

Sobre a Cobrinco, Licha, fez severas críticas e acusa a empresa de ter feito um pacto com o governador do Estado, Bento Munhoz da Rocha Neto, para se apossar da área destinada aos xetás. Segundo ele, até a década de 50, época do Governo de Moisés Lupion, as terras de Serra Dourada estavam sendo colonizada pela Suemitsu Mi-

yamura Cia. Ltda, que já tinha demarcado uma área de 50 mil alqueires para os índios. Com Munhoz Neto substituindo Lupion no Governo do Paraná, "armou-se um jogo político nebuloso que até hoje foi não explicado". Sumariamente, a Suemitsu teve sua concessão anulada e foi substituída na colonização das terras pela Cobrinco. "Contando com o apoio do governador Munhoz da Rocha e do SPI, a primeira coisa que a Cobrinco fez ao assumir a colonização foi transferir os índios para a reserva" revelou Licha. No local ainda sobreram alguns xetás porque faltou caminhão e dias depois uma família de japoneses encontrou um índiozinho no meio da mata. Franz Licha recorda que o casal adotou o pequeno índio porque achou a criança muito engraçadinha e parecida com japonês. Licha acha que índiozinho é o "Tshikuen" (Ticde Xetá) quando tinha 5 anos de idade. Atualmente ele atende pelo nome branco de José Luciano da Silva, vive na reserva de São Jerônimo da Serra e é um dos últimos xetás.

*Índios foram obrigados a desfilar pelas ruas de Cruzeiro do Oeste*

### Eles viveram sempre na UTI da história

"A verdade é que o Brasil de hoje, em relação aos índios, não é pior do que o Brasil de 30 anos atrás e até melhor do que o Brasil do século passado." Este tópico da análise que leva o título "Futuro dos Índios", escrita pelo antropólogo Mécio Gomes, nos dá uma projeção do que poderá acontecer no futuro aos nossos índios. Nesse contexto está o exemplo dos índios xetás, que há menos de 60 anos eram considerados uma nação, conforme o livro

"Índios do Paraná", publicado em 1983 pela Associação Nacional de Apoio ao Índio. Os xetás, também chamados de botocudos, arés, yvaparé, setá e hêta, pertenciam a única tribo genuinamente paranaense e pela ganância de interesses econômicos e a falta de uma política governamental para resguardá-los, foram exterminados. Até 1954 eles viviam em situação pré-histórica de civilização. Estavam ainda na idade da pedra.

Não existem estudos profundos sobre estes índios, mas deve-se ressaltar a série de reportagens da Folha na década de 80, escritas pelo jornalista Sílvio Oricelli. A série representa um verdadeiro tratado sobre os xetás, apesar do jornalista ser obrigado a ficar condicionado exclusivamente a depoimentos dos indígenas remanescentes ou das pessoas que tiveram contato com "este povo desconhecido". No entanto, este trabalho de fôlego e perseverança,

além de tirar diversas dúvidas históricas, denuncia o que se praticou contra os xetás. Os antropólogos também os chamam de hêtas, que paradoxalmente quer dizer "nós todos". As denúncias começam e terminam com os 200 anos de perseguição que aos poucos os exterminaram. Um dos títulos das reportagens resume perfeitamente toda a trágica verdade sobre os xetás: "Eles viveram sempre na UTI da história". P.U.